



VIOÊNCIA

Polícia tem suspeitos de fuzilar delegado

Criminosos foram identificados pela perícia em outro veículo do crime. Cerca de 70 tiros foram disparados no atentado contra Ruy Ferraz

» FABIO GRECCHI
» IAGO MAC CORD*

A polícia de São Paulo já tem dois suspeitos de fuzilar, na noite de segunda-feira, o ex-delegado-geral da Polícia Civil Ruy Ferraz Fontes, de 63 anos, que, depois de deixar a corporação, ocupava desde 2023 o cargo de secretário de Administração do município de Praia Grande, no litoral paulista. Os nomes dos possíveis assassinos estão sendo mantidos em sigilo para não prejudicar as investigações e ambos estão com prisões decretadas pela Justiça. As identificações dos matadores foram obtidas na perícia feita em um segundo veículo utilizado no crime.

O homicídio está sendo atribuído ao Primeiro Comando da Capital (PCC). Cerca de 70 tiros foram disparados durante a emboscada, depois de perseguido pelo veículo que levava três atiradores e um motorista. A execução foi registrada por câmeras de monitoramento e por pessoas que passavam no momento em que ocorreu o assassinato, por volta das 18h, em Praia Grande.

Ferraz tinha saído da prefeitura, onde fica a secretaria que ocupava, e conduzia um Fiat Argo. A partir daí, os criminosos, que estavam em uma Toyota SW4, começaram a persegui-lo e a atirar.

O delegado tentou fugir e seguiu em alta velocidade até a Avenida Dr. Roberto de Almeida Vinhas, no bairro Nova Mirim. Ao entrar na via, foi colhido por um ônibus, que fez com que o carro capotasse e fosse atingido por um segundo ônibus.

Nesse momento, a SUV em que estavam os matadores conteve o trânsito — um homem de fuzil desceu pela porta traseira esquerda e ordenou que os motoristas passassem. Outros dois saíram do lado direito da Toyota e foram até o Fiat do delegado para fazer os disparos. Terminado o serviço, voltaram para o carro em que estavam e fugiram. Uma mulher e o sobrinho também foram atingidos no atentado — ela foi atendida e dispensada, mas o homem continua internado.

Os criminosos utilizaram um segundo veículo, um Jeep Renegade — que por não ter sido queimado, como o que foi visto na perseguição ao delegado, permitiu que a perícia chegasse aos dois suspeitos. O assassinato mobilizou

autoridades estaduais e federais. O ministro da Justiça e Segurança Pública, Ricardo Lewandowski, classificou o crime como “brutal” e ofereceu o apoio das forças da União ao governo de São Paulo para a investigação, incluindo recursos de polícia científica, como bancos de dados de balística e DNA. Ele conversou, por telefone, com o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos), mas o secretário da Segurança Pública do estado, Guilherme Derrite, recusou a ajuda da Polícia Federal. “Todos que participaram desse atentado terrorista — porque é isso que aconteceu contra o doutor Ruy — serão punidos severamente por isso”, garantiu Derrite.

Tarcísio, por sua vez, ordenou mobilização total das forças policiais. “É muita ousadia. Uma ação muito planejada, por tudo que me foi relatado”, disse.

Crime organizado

A força-tarefa criada para investigar o assassinato apura a ligação de um líder do PCC, que deixou um presídio federal há um mês, com o crime. Mas não está afastada a hipótese de que o homicídio possa ter elo com uma licitação, que teria prejudicado uma entidade ligada aos criminosos.

O veículo em que Ferraz foi morto não era blindado — ele tinha um, mas o usava apenas quando tinha de ir à capital. Por causa disso, o secretário Nacional de Segurança Pública, Mário Sarubbio, anunciou que enviará ao Congresso um projeto de lei para alterar a legislação sobre organizações criminosas, visando proteger testemunhas e agentes públicos, inclusive na aposentadoria.

Sarubbio, que conhecia Ruy e trabalhou com ele em algumas ocasiões, enfatizou a importância do trabalho integrado e de alterações na legislação de crime organizado, destacando que o Brasil e a América Latina enfrentam um momento delicado com a atuação de facções. “Devemos apresentar (o projeto de lei) ao ministro Lewandowski, que deve apresentar, em algumas semanas, ao presidente da República. Acreditamos que vá (ser remetido) ao Congresso Nacional”, disse o Secretário.

O pesquisador Leonardo de Carvalho, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, descreveu a ação contra Ferraz como coordenada

Paulo Pinto/Agência Brasil



Velório de Ferraz foi na Assembleia Legislativa paulista. Especialista alerta para a organização dos matadores

Reprodução/Redes sociais



Delegado foi morto a tiros de fuzil por dois atiradores após perseguição

e planejada, demonstrando conhecimento tático operacional e domínio no manuseio de armamento de grosso calibre. “Essa foi uma ação planejada e executada por pessoas com conhecimento

e domínio. Dois criminosos saem para alvejar o dr. Ruy. Um criminoso fica em posição de cobertura e o motorista do veículo, em momento algum, sai do volante”, explicou o especialista.

Na mira do PCC

Ruy Ferraz atuou por mais de 40 anos na Polícia Civil de São Paulo. Foi delegado-geral da instituição entre 2019 e 2022, nomeado no governo de João Dória. Ela era conhecido pela atuação no combate ao crime organizado e por ser um dos pioneiros nas investigações contra o Primeiro Comando da Capital.

Em 2006, Ferraz foi responsável por indiciar a cúpula do PCC, incluindo Marco Willians Herbas Camacho, o Marcola, antes de serem isolados na penitenciária 2 de Presidente Venceslau. Ele também foi diretor do Departamento Estadual de Investigações Criminais, do Departamento Estadual de Repressão ao Narcotráfico, do Departamento de Polícia Judiciária da Capital e do Departamento Estadual de Homicídios e de Proteção à Pessoa.

Além disso, foi professor assistente de Criminologia e Direito Processual Penal e professor de Investigação Policial pela Academia da Polícia Civil do Estado de São Paulo. Desde janeiro de 2023, atuava como secretário de Administração de Praia Grande.

Ferraz havia sido alvo de ameaças e ataques anteriormente. Em dezembro de 2023, sofreu um assalto à mão armada em Praia Grande, quando saía de um restaurante com a mulher. O casal perdeu celulares, joias, cartões e a motocicleta. Ele expressou preocupação com a segurança e temia novos ataques. “Combati esses caras (do PCC) durante tantos anos e, agora, os bandidos sabem onde moro. Minha família quer que eu deixe o emprego em Praia Grande e saia de São Paulo”, comentou.

Entre 2012 e 2023, Ferraz sofreu quatro tentativas de assalto em São Paulo, trocando tiros com assaltantes em três delas. Em 2010, escapou de um plano de assassinato. Em 2019, uma trama de execução de autoridades da Polícia Civil pelo PCC, por uma célula conhecida como Bonde dos 14, tinha o nome de Ferraz na lista de alvos. A ordem teria vindo de Décio Gouveia Luiz, o Décio Português, homem de confiança de Marcola. (IMC)

*Estagiário sob a supervisão de Fabio Grecchi

Governo de São Paulo



Ruy era um adversário implacável do PCC e tornou-se alvo da facção



É muita ousadia. Uma ação muito planejada, por tudo que me foi relatado”

Tarcísio de Freitas, governador de São Paulo



ALEXANDRE GARCIA

“A MINISTRA CÁRMEN LÚCIA NOS LEMBROU VICTOR HUGO: ‘O MAL FEITO PARA O BEM CONTINUA SENDO MAL.’ O ÓDIO É O MAL. IMPOSSÍVEL QUE TENHA POR FIM O BEM”

A origem do ódio

Com o assassinato de Charlie Kirk, o Ocidente passou a buscar as fontes do ódio que move os cérebros para destruir, condenar, matar, sem outras razões claras a não ser o próprio ódio. No processo que levou Tyler Robinson a executar Kirk, o assassino, antes de decidir matar, passou a atribuir a seu alvo o pecado de ser uma pessoa cheia de ódio. Com isso, encontrou motivo para justificar a eliminação de Kirk: Tyler estaria apenas extinguindo um disseminador de ódio.

Tyler imputou a Kirk o ódio que continha em si próprio. Atribui-se a Lênin o conselho

de “Acuse-os daquilo que você é”. Há variantes para essa inversão que justifica o ódio. Herbert Marcuse pregou a guerra santa do oprimido contra o opressor. Ensinou a apontar alguém como opressor para justificar a violência do oprimido. Antonio Gramsci substituiu a revolução armada pela cultural — e esse conjunto de idéias foi trabalhado por décadas nas escolas, nas universidades e no meio artístico e intelectual. E hoje se traduz na violência do ódio justificado por pensadores que abduzem gerações, como as sereias que tentaram Ulisses.

Antes do tiro mortal do 10 de setembro, houve o ataque de ódio suicida do 11 de setembro de 2001, que matou quase 3 mil pessoas. No 6 de setembro de 2018, a faca de Adélio Bispo, adepto do PSol, entrou na barriga de Jair Bolsonaro para matá-lo — e até hoje o fere. Em 13 de julho do ano passado, o alvo também era uma cabeça, e atingiu a orelha de Trump, matando quem estava atrás dele. Em 7 de outubro de 2023, o Hamas invadiu um kibutz no sul de Israel e chacinou com ódio quase 1200 idosos, mulheres, bebês e ainda levou 250 reféns. Seria como se um bando armado entrasse à noite no Brasil, matasse 140 mil brasileiros e sequestrasse 30 mil como reféns. Os que desejam calar a voz digital do

povo — origem do poder — atribuem às redes sociais o “discurso de ódio”. Mas a origem é outra — e identificável.

Esses crimes foram movidos por ódio aos valores ocidentais: a cultura judaico-cristã, democracia gerada pelos gregos, o direito legado pelos romanos. Liberdade, democracia, família. Liberalismo e conservadorismo. Contra essa cultura “burguesa”, discursou Marilena Chauí: “Eu odeio a classe média” — para a plateia dos 10 anos do governo do PT, que aplaudia. No Congresso da Sindical Popular, o sociólogo Mauro Iasi, do PCB, citando Bertolt Brecht, recomendou: “Nós estamos dispostos a oferecer um bom paredão, colocá-lo na frente de uma boa espingar-

da, com uma boa bala e depois de uma boa pá, uma boa cova. Com a direita e o conservadorismo, nenhum diálogo. Luta!”. O presidente Luiz Lula da Silva, defendendo o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal, no bate-boca com os Mantovani, no Aeroporto de Roma: “Um cidadão desses é um animal selvagem, não é um ser humano. Essa gente que renasceu do neofascismo tem que ser extirpada. Nós vamos ser muito duros com eles, para aprenderem a ser civilizados”, expressou o Lulinha paz e amor.

Junta-se a recomendação atribuída a Lênin, com a percepção social de Gramsci e o sofisma de Marcuse. Fabricaram a “extrema-direita do ódio”,

que se contrapõe à “esquerda do amor”. E, com amor, se destrói, assassina e se justifica condenar sem provas o odiado. Para se impor a ditadura do amor, com a censura do amor, a prisão do amor, a lei do amor. É um 1984 atualizado 40 anos à frente.

Por isso, tantos amorosos festejam a orfandade de duas filhinhas de Kirk. É a parábola da mentira vestida de verdade para convencer o povo a não pensar, só aceitar a nova verdade. A ministra Cármen Lúcia nos lembrou Victor Hugo: “O mal feito para o bem continua sendo mal.” O ódio é o mal. Impossível que tenha por fim o bem. Mas ódio para o bem é praticado por cérebros anestesiados, sequestrados.